Revista Letras Raras

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7353 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Tecendo o indizível: memória, trauma e escrita em *Minha Mãe Se Matou Sem Dizer Adeus*, de Evandro Affonso Ferreira /

Weaving the unspeakable: memory, trauma and writing in Minha Mãe Se Matou Sem Dizer Adeus, by Evandro Affonso Ferreira

Quem nos desviou assim, para que tivéssemos
um ar de despedida em tudo que fazemos? Como aquele
que partindo se detém na última colina para contemplar
o vale na distância – e ainda uma vez se volta,
hesitante, e aguarda – assim vivemos nós,
numa incessante despedida.

Rainer Maria Rilke

Layla Yaphah Coêlho Cruz[']
Faz mestrado em Estudos Literários no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (PPGEL/UFPI). Graduada em Letras - Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa na Universidade Federal do Piauí (UFPI). Participou do Programa de Iniciação à Docência (PIBID) e foi bolsista de Iniciação Científica do CNPq (PIBIC). Desenvolve pesquisas nas áreas de Literatura Brasileira, Literatura Comparada e Literatura de língua portuguesa, com ênfase no estudo do espaço ficcional. Membra do grupo Grifo - Estudos Literários (UFMA) e do Grupo de Pesquisa em Teorias do Espaço Ficcional (UFPI).
https://orcid.org/0000-0001-6965-1141

Douglas Rodrigues de Sousa["]
Formado em Letras - Português pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), com especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira e Africana de Língua Portuguesa pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Mestre em Letras - Estudos Literários pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e Doutor em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília (UnB). Atualmente, é

[laylahcoelho@gmail.com

[[doug.rsousa@gmail.com

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7353 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

professor da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), atuando na graduação e Pós-Graduação em Letras.
https://orcid.org/0000-0003-3109-8074

Recebido em: 08 fev. 2026. **Aprovado** em: 22 de out. 2026

Como citar este artigo:
CRUZ, Layla Yaphah Coêlho: SOUZA, Douglas Rodrigues de. Tecendo o indizível: memória, trauma e escrita em *Minha Mãe Se Matou Sem Dizer Adeus*, de Evandro Affonso Ferreira. *Revista Letras Raras.* Campina Grande, v. 15, n. 1, e7353, nov. 2026. DOI: 10.5281/zenodo.24609008.

RESUMO
O escritor contemporâneo brasileiro Evandro Affonso Ferreira possui um projeto literário cujos temas principais são: loucura, desespero, solidão, velhice, morte, além da questão da incomunicabilidade nas relações humanas. Um dos recursos utilizados pelo autor para desenvolver tais temáticas é o emprego do tom memorialista. O romance *Minha mãe se matou sem dizer adeus*, publicado pela primeira vez em 2010 pela Editora Record, é narrado em primeira pessoa por um senhor de quase oitenta anos cuja mãe tirou a própria vida enquanto ele ainda era uma criança. Tendo em vista que a mãe do narrador cometeu suicídio e não deixou carta ou bilhete de despedida, as suas memórias narradas giram em torno de alguns acontecimentos de sua infância envolvendo a própria família, mas com um foco principal sobre a figura enigmática e "louca" de sua mãe. Enquanto escreve o romance em uma espécie de confeitaria, o narrador tenta desvendar tanto a figura materna quanto a si mesmo e, para isso, mergulha em memórias traumáticas e em um doloroso processo de escrita. Assim, este artigo objetiva investigar como a narração permite ao narrador-personagem perlaborar memórias traumáticas de sua infância, principalmente o suicídio de sua mãe. Como desdobramento do objetivo geral, pretende-se, também, analisar de que maneira a melancolia se faz elemento constitutivo do sujeito narrador. Esta pesquisa de metodologia analítica qualitativa ampara-se nas reflexões de: Luiz Costa Lima (2017) e seus estudos sobre melancolia e literatura, Sigmund Freud (1914; 1917) e suas teorizações sobre luto, melancolia, memória e elaboração.
PALAVRAS-CHAVE: Minha mãe se matou sem dizer adeus; Memória; Trauma; Perlaborar.

ABSTRACT
The contemporary Brazilian writer Evandro Affonso Ferreira has a literary project whose main themes are madness, despair, loneliness, old age, death and the issue of incommunicability in human relationships. One of the resources used by the author to develop these themes is the use of a memoiristic tone. The novel Minha mãe se matou sem dizer adeus, first published in 2010 by Editora Record, is narrated in the first person by an almost eighty-year-old man whose mother took her own life while he was still a child. Given that the narrator's mother committed suicide and left no letter or note of farewell, his narrated memories revolve around some events from his childhood involving his own family, but with a main focus on the enigmatic and lunatic figure of his mother. While writing the novel in a kind of confectioner's shop, the narrator tries to unravel both the maternal figure and himself and, to do so, plunges into traumatic memories and a painful writing process. Thus, this article aims to investigate how narration allows the narrator-character to work through traumatic memories of his childhood, especially his mother's suicide. To help develop the general objective, we also intend to analyze how melancholy becomes a constitutive element of the narrating subject. This qualitative analytical methodology research has its analyzes supported by the reflections of:

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7353 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Luiz Costa Lima (2017) and his studies on melancholy and literature, Sigmund Freud (1914; 1917) and his theories on mourning, melancholy, memory and elaboration, among others.
KEYWORDS: *Minha mãe se matou sem dizer adeus*. Memory. Trauma. Perlaborate.

1 Introdução

O escritor contemporâneo brasileiro Evandro Affonso Ferreira, nascido, em 1945, em Minas Gerais, possui um projeto literário extremamente rico e elaborado. Isso pode ser percebido na medida em que o autor consubstancia elementos da tradição literária grega em suas obras, que, talvez por esse acurado diálogo com a tradição, apresentam-se como, espantosamente, contemporâneas. Segundo Karl Erik Schollhammer em *Ficção brasileira contemporânea* (2009), o contemporâneo sofre de uma desconexão com o seu tempo e, por não se conectar com o tempo presente, é capaz de expressá-lo muito bem.

Considerando-se que a literatura contemporânea representa, então, a atualidade por uma inadequação (Schollhammer, 2009), é possível afirmar que as produções de Affonso Ferreira – tanto as personagens quanto as temáticas principais – são assim regidas. Desde os títulos de suas obras, como *Minha mãe se matou sem dizer adeus* (2010), *O mendigo que sabia de cor os adágios de Erasmo de Rotterdam* (2012), *Os piores dias de minha vida foram todos* (2014), *Não tive nenhum prazer em conhecê-los* (2016), *Nunca houve tanto fim como agora* (2017), que remontam e referenciam a tragédia grega clássica, percebe-se a construção de narrativas possivelmente inquietantes.

Os principais temas presentes na literatura de Affonso Ferreira são: loucura, desespero, solidão, velhice, morte, além da questão da incomunicabilidade nas relações humanas. Um dos recursos amplamente utilizados pelo autor para desenvolver tais temáticas – e que se tornou um traço de sua escritura – é o emprego do tom memorialista. Em boa parte de suas obras, a narrativa é contada em primeira pessoa por um personagem em idade avançada, que narra as suas memórias e empreende reflexões ou observações a partir de seu olhar reflexivo presente,

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7353 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

castigado pela maturidade e pelo desalento.reflexivo presente, castigado pela maturidade e pelo desalento.

O romance *Minha mãe se matou sem dizer adeus*, publicado pela primeira vez, em 2010, pela Editora Record, teve a sua segunda edição em 2022 pela mesma editora e é o primeiro da intitulada "Trilogia do desespero" – composta, também, por *O mendigo que sabia de cor os adágios de Erasmo de Rotterdam* (2012) e *Os piores dias de minha vida foram todos* (2014). Com essa obra, Affonso Ferreira ganhou um prêmio, em 2011, pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA).

Em resumo, a história de *Minha mãe se matou sem dizer adeus* é narrada em primeira pessoa por um senhor de quase oitenta anos cuja mãe tirou a própria vida enquanto ele ainda era uma criança. Tendo em vista que a mãe do narrador cometeu suicídio e não deixou carta ou bilhete de despedida, as suas memórias narradas giram em torno de alguns acontecimentos de sua infância envolvendo a própria família, mas com um foco principal sobre a figura materna tida como enigmática e "louca". Enquanto escreve o seu romance em uma espécie de confeitaria ou café, o narrador tenta desvendar tanto aspectos da subjetividade de sua mãe quanto a si mesmo e, para isso, mergulha em memórias traumáticas e em um doloroso processo de escrita.quanto a si mesmo e, para isso, mergulha em memórias traumáticas e em um doloroso processo de escrita.

Assim, a obra literária fornece subsídios que permitem uma investigação das questões de memória. Este trabalho tem como objetivo investigar como a narração permite ao narrador-personagem perlaborar memórias traumáticas de sua infância, principalmente o suicídio de sua mãe. Como desdobramento do objetivo geral, pretende-se, ainda, analisar de que maneira a melancolia se faz elemento constitutivo do sujeito narrador. No intuito de melhor organizar e estruturar o texto, este artigo contempla as seguintes subseções: 1) Trauma; 2) Narrar; e 3) Perlaborar, de maneira que cada uma evidencie, com mais acuidade, esses aspectos elencados, mantendo-se indissociável o diálogo entre eles. entre eles.

Esta pesquisa de metodologia analítica qualitativa ampara-se nas reflexões de Luiz Costa Lima (2017) e seus estudos sobre melancolia e literatura; Sigmund Freud (1914; 1917) e suas teorizações sobre luto, melancolia, memória e elaboração e Karl Erik Schollhammer (2009) e suas

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7353 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

contribuições sobre literatura brasileira contemporânea, dentre outros.Schollhammer (2009) e suas contribuições sobre literatura brasileira contemporânea, dentre outros.

2 O processo narrativo do personagem e o tratamento terapêutico: uma hipótese interpretativa

A obra *Minha mãe se matou sem dizer adeus* (2022) é narrada em primeira pessoa por um personagem idoso cujo nome não é revelado, o qual se considera decrépito, melancólico e solitário. Esses adjetivos se confirmam à medida que a leitura da narrativa se adensa, suscitando no leitor a compreensão de que se trata de um homem que nunca superou o suicídio cometido por sua mãe quando era apenas um garoto. Tendo em vista que a história transcorre no período de um único dia, o tempo do discurso é menor do que o tempo da narrativa – afinal é por meio de digressões de memória que acessamos traumas e situações ruins vivenciados pelo narrador, os quais influenciam diretamente o modo que enxerga a si próprio e a vida, ou seja, com profunda melancolia e patente desesperança.

Apesar de a narração se construir por meio do fluxo de consciência, ainda assim demonstra certo ritmo ou cadência própria. Isso ocorre porque, enquanto narra, o homem está a compor o livro. Sentado em uma confeitaria, a escrita cíclica do narrador perpassa sempre a criação de diálogos fictícios com outros clientes do estabelecimento, gerando, ainda, uma autorreflexão sobre sua própria escrita, reflexões sobre o espaço externo e rememorações dos próprios traumas.

Determinados elementos textuais indicam o espaço em que está o narrador, como: “Senta-se agora à mesa da confeitaria do outro lado moça grávida [...]” (Ferreira, 2022, p. 75) ou “Senhor abdominoso de pé ali no balcão se lambuza comendo sem-cerimônia torta dupla de morango. Garçonete ruiva solidariza-se comigo no deboche velado” (Ferreira, 2022, p. 59). Ao citar mesas, uma garçonete ruiva e diversas outras sobremesas além da torta dupla de morango, consegue-se

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7353 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

visualizar que o senhor está em uma espécie de confeitaria ou café de algum shopping center ou prédio comercial – inscrito textualmente diversas vezes como "templo moderno".

Como já dito, a narração se dá em um único dia: "Aqui chove. Muito. O domingo se arrasta [...] Solidão é grande" (Ferreira, 2022, p. 52). Conforme se adensa a leitura do romance, percebe-se que esse domingo chuvoso pode ser lido como uma construção metafórica para o próprio estado de espírito interno do narrador: "Trovões chegam mais contundentes; chuva também. Ela minha melancolia parece que não encontra mais espaço para ampliar a própria tristeza" (Ferreira, 2022, p. 80). A ambientação construída em consonância com o estado psíquico do narrador corrobora mais ainda com o tom da narrativa e com a construção dessa melancolia de carga tão presente no romance.

Nesse sentido, iniciar-se-ão os desdobramentos críticos direcionados, respectivamente, para as memórias traumáticas do personagem, para a narração como recurso de tentar superar esses traumas e para a perlaboração como resultado desse processo de escrita, que se assemelha, em certa medida, a uma análise psicanalítica. Apesar de o texto ser separado estruturalmente em partes, tais questões são indissociáveis na narrativa, e na consecução das análises não será diferente.

2.1 Trauma

Todo ser humano é, indubitavelmente, constituído por memória. Tendo em vista que a literatura se propõe a ser uma representação do real, pode-se afirmar que os personagens – sendo o que há de mais humano na narrativa (Candido, 2014) – possuem também as suas próprias histórias, trajetórias e memórias. Segundo o sociólogo e historiador francês Maurice Halbwachs (2003), a memória pode ser entendida tanto a nível individual quanto coletivo.

Bons ou ruins, os acontecimentos da vida de um indivíduo irão criar impressões e deixar marcas em sua mente. O cérebro armazena tais informações, e isso irá reverberar diretamente no modo em que aquela pessoa enxergará a si e ao mundo. Para além de um processo puramente fisiológico investigado pela medicina, entender a memória e os vários aspectos de seu funcionamento cabe também a outras áreas e saberes humanos, como a psicologia, a psicanálise, a filosofia e a literatura. A memória é amplamente representada na literatura seja enquanto tema

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7353 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

e/ou procedimento narrativo para se contar uma história, por exemplo o uso de uma narração linear dos fatos, ou fragmentada; ou narradas pelas perspectivas das memórias de vários narradores-personagens ou de um narrador explicitamente não confiável.

Existem situações nas quais as pessoas procuram esquecer as suas memórias. Em geral, isso ocorre com memórias que afetam, negativamente, o bem-estar do indivíduo, caso sejam resgatadas, ou com memórias propriamente traumáticas. As memórias traumáticas possuem cunho negativo e dizem respeito a eventos e a acontecimentos extremamente dolorosos e nocivos para a integridade de um indivíduo ou grupo social.

Marcio Seligmann Silva, especialista nos estudos da relação estabelecida entre a literatura e a psicanálise, em seu artigo *Literatura e Trauma* (2002), apoia-se no seguinte entendimento freudiano sobre trauma:

> Afinal, para Freud, "a expressão ['traumático'] não tem outro sentido que não econômico. Nós – afirmou ele – assim denominamos a uma vivência que traz em um período de tempo curto um crescimento de estímulo de tal ordem, que o transporte [*Erledingung*] ou a elaboração [*Arfabeitung*] da mesma não se dá de modo normal, do que resultam distúrbios dourados no funcionamento energético (SELIGMANN-SILVA, 2002, p. 138 apud Freud, 1960, p. 275).

Segundo os autores, sumariamente, o trauma seria o resultado da vivência de experiências negativas, extremamente impactantes, que não foram elaboradas, entendidas e assimiladas, pelo indivíduo ou pelo grupo que as sofreu. Desse modo, esse trauma reverbera de diversas maneiras no sujeito: desde respostas fisiológicas em descompasso com a naturalidade até uma reorganização social, em caso de traumas sofridos tanto individualmente quanto por grupos.

Na obra *Minha mãe se matou sem dizer adeus* (2022) o narrador-personagem passou por um evento traumático: o suicídio de sua mãe. A mãe não tirou a própria vida na presença do garoto, e não existe uma memória específica na qual o menino presencie o ato ou encontre o corpo, por exemplo. O que há, porém, são diversas memórias da infância, de brincadeiras com a

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7353 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

mãe e dos dias que antecederem o evento, quase como se estivessem todas contaminadas por aquele fatídico acontecimento e como se, por associação, fossem traumáticas também.

O primeiro trecho da obra: "A vida é ruim; eu sei. Mas ainda não vou cortar a teia da própria vida feito ela minha mãe: o vocábulo é minha âncora; aqui desta mesa-mirante observo o anoitecer dos outros para esquecer-me do próprio crepúsculo" (Ferreira, 2022, p. 11) sumariza seja o conteúdo seja o tom que conduz a narrativa. Para o leitor já fica claro que a mãe do personagem se suicidou ao "cortar a teia da própria vida". Essa imagem, oriunda da mitologia grega com as Moiras – as irmãs fiandeiras responsáveis pelos destinos dos deuses e mortais, que teciam e cortavam os fios da vida – irá repetir-se ao longo de todo o romance.

Além de evidenciar a relação que a escrita de Affonso Ferreira tem com a tradição literária grega, essa repetição ao longo do texto e a escolha de tal informação para compor não só o primeiro parágrafo, mas o título da obra – que se supõe ser o livro, produto final, que o narrador está escrevendo – demonstram a sua importância para a formação do narrador-personagem e, por conseguinte, da narrativa. Ao narrar, com o artifício da palavra, há a tentativa de superar o interdito de sua infância.

Esse acontecimento traumático construiu o personagem como melancólico, desamparado e solitário. A melancolia, que lhe é uma característica consciente, também é uma constante em sua narração.

> Quase oitenta anos vendo tudo-todos pelas fendas da tibieza. Sou do signo da dubiedade. Vida inútil: vim vi perdi; não sou melancólico por obra do acaso; afeiçoei-me no desconsolo. Vida me trouxe tristeza tempo todo. Dia escuro-tempestuoso feito este se aclimata comigo sob medida para meu desfecho fatal [...] Primeiro natal sem minha mãe; estamos na casa dela avó paterna; alegria desafia qualquer descrição – deve ser porque não verei outra vez no meio da ceia nora embriagada insurgindo-se contra sogra (Ferreira, 2022, p. 20).Quase oitenta anos vendo tudo-todos pelas fendas da tibieza. Sou do signo da dubiedade. Vida inútil: vim vi perdi; não sou melancólico por obra do acaso; afeiçoei-me no desconsolo. Vida me trouxe tristeza tempo todo. Dia escuro-tempestuoso feito este se aclimata comigo sob medida para meu desfecho fatal [...] Primeiro natal sem minha mãe; estamos na casa dela avó paterna; alegria desafia qualquer descrição – deve ser porque não verei outra vez no

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7353 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

> meio da ceia nora embriagada insurgindo-se contra sogra (FERREIRA, 2022, p. 20).

A máxima latina "*Veni, Vidi, Vici*" – em português "vim, vi, venci" – é alterada por ele para "vim, vi, perdi", o que muito diz sobre a sua postura ante a vida. Essa perda pode ser em sentido macro, do narrador que não vê sentido na vida que teve, ou pode significar a perda de sua mãe. Ambos os sentidos se complementam, e a sensação de desolamento, desamparo e melancolia pulsam no texto. Ao dizer que não é "melancólico por obra do acaso", o narrador demonstra ter ciência do motivo de ser assim, tanto que, em seguida, ele recorda o primeiro natal sem a sua mãe e sem as brigas entre ela e a avó paterna.

Em seu texto *Luto e Melancolia* (1917), Sigmund Freud discute as diferenças entre o que uma pessoa sente ora durante a fase de luto ora em um estado melancólico. Para Freud, as características são semelhantes, o que acaba permitindo uma comparação, porém, no luto, determinadas reações são perfeitamente esperadas e naturais, além de durarem apenas por um determinado período. Já na melancolia, as reações perduram por tempo indefinido e afetam com maior intensidade o indivíduo.

Para o psicanalista austríaco, o luto ocorre quando se perde alguém amado. Na melancolia, o indivíduo perde algo, mas não sabe exatamente o quê. "O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante" (Freud, 1917, p. 4). Nesse sentido, pode-se dizer que o narrador-personagem passou por um luto ao perder a mãe, mas, por não conseguir superar esse trauma, teria desenvolvido, assim, uma melancolia.

> Agora estou de pé na sala de casa. Vejo apenas flores. Sou pequeno demais para ver o rosto de minha mãe dentro do caixão. Choro. Nos dois tempos. Mas na infância as lágrimas corriam em jorro. Ainda chove. Ainda vejo-ouço meu tio puxando meu braço dizendo-me para ir brincar lá fora [...] Antes de sair da sala ouço vizinha cochichando com minha tia: ela se matou sem dizer adeus. Esta frase acompanha-me há mais de meio século. Estribilho tormentoso. Repetição monótona tediosa que sussurro vida toda para mim mesmo (FERREIRA, 2022, p. 41).

A memória acima, referente ao velório da mãe e do cochicho da vizinha, tornou-se o *leitmotiv* da vida do narrador. De acordo com Freud, algumas características da melancolia são

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7353 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

"um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade e uma diminuição dos sentimentos de autoestima" (Freud, 1917, p. 5) de modo que o sujeito viva em constante autorrecriminação e autoenvilecimento, punindo-se a todo instante. Essas características são muito evidentes no comportamento do narrador, que, recorrentemente, qualifica-se como decrépito, melancólico, autocomiserativo.

Para Freud, o indivíduo melancólico não consegue se desprender daquilo que foi perdido, transferindo, para si mesmo, a raiva e os sentimentos ruins que gostaria de atribuir àquilo que se perdeu.

> Se se ouvir pacientemente as muitas e variadas auto-acusações de um melancólico, não se poderá evitar, no fim, a impressão de que freqüentemente as mais violentas delas dificilmente se aplicam ao próprio paciente, mas que, com ligeiras modificações, se ajustam realmente a outrem, a alguém que o paciente ama, amou ou deveria amar [...] É assim que encontramos a chave do quadro clínico: percebemos que as auto-recriminações são recriminações feitas a um objeto amado, que foram deslocadas desse objeto para o ego do próprio paciente (FREUD, 1917, p. 8).

A relação que o sujeito tem com o seu objeto – pessoa ou abstração –, seja com a morte do objeto ou um distanciamento emocional, por exemplo, sofre um esfacelamento. Com isso, a libido do sujeito é retirada de seu objeto, mas, ao invés de ser direcionada para um novo objeto, é endereçada para o ego do próprio sujeito. Estando a libido ali, isso permite ao sujeito estabelecer uma relação inconsciente entre o seu ego e o objeto perdido. "Dessa forma, uma perda objetal se transformou numa perda do ego, e o conflito entre o ego e a pessoa amada, numa separação entre a atividade crítica do ego e o ego enquanto alterado pela identificação" (Freud, 1917, p. 8). A raiva

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7353 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

ou o ódio que o sujeito sente de seu objeto amado, agora perdido, acaba por ser direcionado para o próprio sujeito.

Isso ocorre em *Minha mãe se matou sem dizer adeus*, pois nota-se que o narrador, além de se autovilipendiar a todo instante, ao longo da obra, passa a fazer comparações conscientes entre si mesmo e a sua mãe:

> Vejo de súbito minha mãe trabalhando numa prancheta. Acaba de pintar outro rosto indefinido. Angustiante. Parece com ela mas também parece com ele meu pai mas também parece comigo hoje setenta anos depois. Sensação estranha ver agora este rosto assustadoramente tridimensional. Não é por obra do acaso que sou um homem atormentado: herdei os destrambelhos dela (FERREIRA, 2022, p. 40).

Além disso, considerando-se o relacionamento conturbado que o narrador possuía com os seus pais, pensa-se que a sua melancolia já era cultivada muito antes do suicídio de sua mãe, já que a sua relação objetal (Freud, 1917) para com os seus genitores já era abalada, de modo que não foi difícil para o narrador idoso se tornar melancólico e remeter, para si, ofensas e adjetivações com carga semântica negativa. Como se percebe no trecho destacado acima, a pintura da mãe representa um rosto angustiado, que se assemelha ao dela, ao do marido e ao do filho em idade mais avançada. A narrativa constrói o personagem posteriormente como alguém que compartilha ou reproduz determinados traços de seus pais, como o semblante melancólico.

A sua melancolia tem origem na infância, visto que a perda da mãe o tornou desamparado, e o seu pai não se constituiu como uma figura de amor, carinho e proteção, como geralmente se espera. “Sei que meu pai não era bom; que ela bebia e ele batia nela; poderia não ser necessariamente nesta ordem. Hoje acredito na hipótese contrária: não bebia e apanhava mas apanhava e bebia; a vida às vezes parece verso palíndromo” (Ferreira, 2022, p. 44). As memórias

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7353 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

do narrador se desvelam paulatinamente e, desse mesmo modo, o leitor toma conhecimento da infância traumática e infeliz que o personagem teve.

Apesar de a sua mãe ser alcolista, melancólica e instável mentalmente, o narrador encontrava nela certo conforto e cuidado. Em suas lembranças, é possível perceber que a mãe dispunha de carinho para com ele:

> Minha mãe passa mertiolate no meu braço. Assopra. Choro muito. Não me lembro o motivo do acidente. Apenas vejo-ouço ela dizendo-me baixinho que terei vida afora outros cortes mais profundos. Meu nascimento foi um descuido: eles nunca quiseram ter filhos. Entendo: também não quero. Niilistas não deveriam procriar. Meus pais eram descrentes. Não sou. Caso contrário não ficaria driblando com vocábulos o desejo de cortar a teia da própria vida (Ferreira, 2022, p. 71).Minha mãe passa mertiolate no meu braço. Assopra. Choro muito. Não me lembro o motivo do acidente. Apenas vejo-ouço ela dizendo-me baixinho que terei vida afora outros cortes mais profundos. Meu nascimento foi um descuido: eles nunca quiseram ter filhos. Entendo: também não quero. Niilistas não deveriam procriar. Meus pais eram descrentes. Não sou. Caso contrário não ficaria driblando com vocábulos o desejo de cortar a teia da própria vida (FERREIRA, 2022, p. 71).

Em diversas outras memórias que o narrador possui de momentos felizes ou doces com a sua figura materna, assim como no excerto mencionado, a mulher sempre frisava para o filho o fato de a vida ser ruim. Dessa maneira, todas as recordações “boas” que o homem dispõe de sua mãe são “agridoces”, pois nenhuma memória é puramente inocente e feliz: todas são marcadas pela melancolia da mãe, pela violência doméstica em decorrência de um pai abusivo e pela ciência de ser um filho indesejado.

Essa ambiguidade presente nas memórias do narrador também repercute, diretamente, na relação ambivalente que guarda com a sua figura materna. “Na melancolia, as ocasiões que dão margem à doença vão, em sua maior parte, além do caso nítido de uma perda por morte, incluindo as situações de desconsideração, desprezo ou desapontamento, que podem trazer para a relação sentimentos opostos de amor e ódio, ou reforçar uma ambivalência já existente” (Freud, 1917, p. 10). Essa relação ambivalente é conflituosa e se percebe isso no modo como o narrador constrói a mãe no decorrer da narrativa.

Há uma progressão na maneira como a mãe é vista e apresentada pelo narrador, e as suas impressões infantis e de adulto se confundem. Nas primeiras páginas, é construída a imagem

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7353 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

de uma mulher egoísta, dominada pela loucura. Porém, mais adiante, a figura materna é mais humanizada e representada com várias nuances. Ao final da obra, quando o narrador obtém uma compreensão mais clara do que acontece, de quem a sua mãe era e de quem ele próprio é, em seu processo de narrar-elaborar, ele mesmo admite: "Agora aqui nesta mesa-mirante a poucas horas da morte descubro que minha infância não foi ruim: tive mãe-moleque; louca feia bêbada – mas encantadoramente moleque" (Ferreira, 2022, p. 101). Ao desmitificar a mãe, entende-se que ela era apenas uma mulher que sofria violência doméstica do marido, com um histórico de transtornos mentais em sua família e que recorria ao álcool como forma de lidar com os próprios problemas.

Outro detalhe interessante, relacionado diretamente ao trauma, é o esquecimento como mecanismo de defesa. Assim, encontram-se diversas passagens nas quais o narrador afirma não se lembrar de nada: "Não me lembro de minha juventude: velho tempo todo" (Ferreira, 2022, p. 16), pois é como se, com a perda da mãe, tivesse se perdido em um luto mal processado que desaguou em uma profunda melancolia. Isso o tornou apenas um espectador da própria vida.

Apesar disso, é na escrita que o narrador figura certo domínio sobre a sua vida. Dominar a arte da palavra e o poder de narrar e contar a si mesmo podem gerar resultados similares aos de um processo de análise psicanalítica.

> Sei que é domingo e que está nublado e que estou triste e que está chovendo muito; aqui contemplo também meu passado. Mas sou decrépito, tenho memória-flash. Minutos atrás vi-ouvi minha mãe num cômodo qualquer de nossa antiga casa discutindo com ele meu pai. Som-imagem ambos confusos mas ouvi nitidamente esta frase: a qualquer momento desapareço de vez da vida de vocês dois sem dizer adeus. Três quatro meses depois se matou. Foi num domingo nublado feito este. Eu era menino oito nove anos se tanto. Ela gostava de pintar. Ainda tenho guardado um de seus quadros: autorretrato. São nítidos seus traços de loucura. Acho que se mataria mais cedo ou mais tarde independente da paralisia irreversível. Nunca deixei tal obra na parede: não gosto. Atormenta-me conviver diariamente com ela; deixo-a numa caixa. Todo domingo pela manhã abro para ver por alguns minutos aquele rosto desfigurado. Há quase setenta anos; hábito. Morbidez talvez. Ou homenagem póstuma. Não sei (FERREIRA, 2022, p. 28-29).

Como se pode perceber nesse trecho, o narrador, no momento presente de sua escrita, demonstra ser consciente. Ao "contemplar seu passado", ou refletir de forma crítica sobre os

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7353 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

eventos e memórias que ocorreram, sua memória se mostra em forma de *flashs*. Não é apenas em decorrência da idade, mas também pela carga e pelo teor dos eventos que os sons e as imagens se mostram "confusos". Tais dados podem ser interpretados, à luz da psicanálise, como manifestações de conteúdos recalcados.

O hábito assumido pelo narrador de olhar o autorretrato pintado pela mãe todo domingo, visto que ela se matou em um domingo, além de ter escolhido também o mesmo dia da semana para escrever o seu livro, apresenta-se como muito significativo. Isso pode implicar um constante embate entre o consciente e o inconsciente do personagem, por meio da repetição, tentando resgatar o trauma para compreender o que houve e, ao mesmo tempo, suprimi-lo por ser incapaz de lidar. De todo modo, narrar esse fato já configura uma espécie de aceitação, como se verá na subseção seguinte.

2.2 Narrar

O crítico literário brasileiro Luiz Costa Lima, em seu livro *Melancolia: Literatura* (2017), discute, de forma minuciosa, como a melancolia se faz presente na formação discursiva literária e, para tanto, articula reflexões filosóficas com indagações socio-históricas. Para o autor, "[...] a melancolia encontra seu *locus*, por excelência, na ficção verbal e plástica (para não falar em toda a arte); explicitamente, no *como se*, em que, na expressão, não se submetendo à alternativa do verdadeiro ou do falso, domina a *diferença* [...]" (Lima, 2017, p. 16). Essa tese, defendida ao longo de toda a obra, possibilita pensar na relação entre poder criador e melancolia.

No caso da literatura, o autor, enquanto sujeito de falta e em desacerto com o mundo, encontra, na ficção, mecanismos de se inscrever no mundo, de dizer o que precisa ser dito. Estendendo essa percepção para o narrador, que já é um "produto" ou resultado ficcional, pode-se pensar na importância da escrita literária não somente como estetização da vida, mas também enquanto lugar de autoanálise, sobretudo no caso específico da obra *Minha mãe se matou sem dizer adeus* (2022), na qual avulta um narrador que é autor e que conta sua história em primeira pessoa.

A narração é uma atividade profícua para o sujeito melancólico. Como afirma Freud, em *O poeta e o fantasiar* (1908), aqueles que estão felizes não fantasiam – e aqui atribui-se a mesma

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7353 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

semântica de ficcionalizar ou fabular – mas, sim, somente aqueles que estão insatisfeitos. Como o próprio Freud pontua em *Luto e Melancolia*, uma característica muito forte do melancólico é "uma insistente comunicabilidade, que encontra satisfação no desmascaramento de si mesmo" (Freud, 1908, p.7). Ou seja, tem-se um sujeito que anseia em falar.

> Ainda não sei como concluir este texto. Talvez não queira. Possivelmente protelo. Tenho medo. Possivelmente esteja entusiasmado com esta descoberta súbita do homo novus. Possivelmente concluirão que narrador é auto comiserativo demais; possivelmente vão concluir enfim que texto sufocante e pouco arejado deste naipe afugenta o leitor – resultando numa indiscutível debacle mercantil (FERREIRA, 2022, p. 120).

Nesse trecho em destaque, nota-se o receio que o narrador possui em concluir o seu texto, provavelmente por ainda querer dizer algo, mas não saber o quê; por querer manter uma escuta e pelo medo de como será a recepção editorial de seu livro. O narrador se sabe melancólico, comiserativo, loquaz, e tais características, além das necessidades já supracitadas de enunciar e entender seus traumas, conduzem-lhe para o caminho da ficção, da narração.

Para Costa Lima (2017), é interessante entender a melancolia não somente enquanto doença, mas como também como possibilidade de genialidade. Nesse aspecto, o autor diz:

> [...] da experiência de desacerto com o mundo não decorre sempre a mesma consequência. Sentir o mundo como desconforme tanto pode provocar a perda do interesse do melancólico no mundo ou até o oposto: mesmo a vida não mostra sentido, importa ao melancólico sentir o que, no mundo, o converte em adverso. Em ambos os casos, a melancolia é o móvel, mas é evidente que só no segundo ela move para uma sensibilidade que conduz à arte [...] Se o estado melancólico admite um acréscimo de sensibilidade, que se cumpre pela procura de saber da constituição do que o provoca, ele propensamente favorece a produção artística (LIMA, 2017, p. 60).

No romance em estudo o personagem a todo instante deixa claro a importância da escrita, da palavra para ele. Escrever significa poder expressar-se e se conhecer. No trecho "Meus pais eram descrentes. Não sou. Caso contrário não ficaria driblando com vocábulos o desejo de cortar a teia da própria vida" (Ferreira, 2022, p. 71), entende-se que ele acredita no vocábulo, e isso pode ser interpretado tanto como uma crença no poder e força do texto literário de forma geral, mas também na potência que assume o narrar, o falar, o expressar-se, pois, para a psicanálise, a fala

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7353 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

possibilita a "cura", que seria o entendimento de si e, também nesse caso, a sublimação, como quem ganha mais um dia de vida ao ficcionalizar as próprias dores.

Explicada a relação entre narração, melancolia e o processo de autoanálise, há outro ponto que merece atenção: a questão formal da obra de Affonso Ferreira. Atrelada ao conteúdo, a estrutura formal do romance é fundamental para que o leitor apreenda a sua potente significação com totalidade. O recurso narrativo utilizado é o fluxo de consciência do narrador-personagem.

> Vou apenas mais tarde para confiar-lhes estes originais e a carta-despedida da mãe dela amiga filósofa. Moça na terceira mesa à esquerda me disse que quando escrevo tenho o aspecto torvo sombrio e que minha fisionomia se torna subitamente rude e que devo lançar linhas dilacerantes neste meu bloco de rascunho. Digo-lhe também telepático que ela é perspicaz e que decidi neste exato momento dar título ao livro que estou escrevendo: MINHA MÃE SE MATOU SEM DIZER ADEUS (FERREIRA, 2022, p. 99).

Sentado na confeitaria, o pensamento do narrador transita entre o momento presente, no qual está a escrever o seu livro e a ter conversas inventadas com os clientes do lugar, e o passado, com as memórias dolorosas de sua infância. Apesar de ser um fluxo de consciência, a narração não ocorre de forma confusa. Na verdade, é bem ordenada, ainda mais ao se considerar o seu próprio ritmo circular. O personagem ficcionaliza algum diálogo com outra pessoa do recinto, estabelece uma reflexão geralmente taciturna ou pessimista e, a partir dessa reflexão, apresenta uma memória de sua infância. Contada, de forma breve e pungente, a memória logo cede lugar a um retorno ao presente e a uma reflexão sobre a escrita enquanto meio que evita que o narrador cometa suicídio como a mãe – e reinicia-se o ciclo. Assim, a escrita ancora não apenas o narrador, dando-lhe motivo e significado para viver enquanto escritor, mas também o momento presente, pois é o que o traz de volta para o tempo corrente e lhe permite ver, com clareza e distanciamento, os eventos de sua vida.

O texto é escrito em blocos, sem parágrafos e, em alguns momentos, há uma pausa sinalizada por breve espaço em branco na folha para que, logo adiante, a narração seja retomada. Essa estrutura corrobora com o artifício do fluxo de consciência, pois dá a ideia de fluidez e traz à

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7353 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

tona, ainda mais, a noção da fala ininterrupta que ocorre no processo de análise, bem como dos hiatos também.

Além disso, as únicas pontuações presentes no romance são ponto e vírgula e ponto final. O narrador é bastante objetivo e seco em seu discurso, de modo que não prolonga o que considera desnecessário ao evitar o uso de vírgulas ou reticências, por exemplo. O texto construído em bloco, a ausência de pontuações menos "cabais" e a narração em forma circular dos mesmos temas suscitam o entendimento de que o narrador é um homem consciente de si, buscando, cada vez mais, isso.

Apesar de desdobrar memórias – sem dúvida, um campo complexo e escorregadio – estas surgem, inevitavelmente, nebulosas, mas sem perder a organicidade no modo como são representadas literariamente. Nesse sentido, percebe-se o labor – e êxito – para arquitetá-las no texto.

Retomando a ideia da importância da escrita para o personagem-narrador, observa-se o trecho:

> Mas ainda tenho as próprias palavras que são meu ponto de apoio; ainda tenho meus vocábulos-couraça que me blindam do desejo de partir ex abrupto [...] O verbo é o filho que não tive; as palavras são hoje a família que perdi já no começo do caminho. A cada página concluída sensação de ter desenhado a própria árvore genealógica (FERREIRA, 2022, p. 47).

Em sua escrita, chega a vislumbrar um filho. Há tanto um sentido de criação, como também de reconciliação com a própria família: "a cada página concluída sensação de ter desenhado a própria árvore genealógica". Poeticamente, Costa Lima, explica o que vem a ser o texto literário quando deriva de uma criação melancólica, como é o caso na obra analisada:

> [...] o mecanismo da vida humana costuma supor o desacerto entre a meta e o tempo de sua realização. O tempo é a atmosfera que envolver a melancolia. A lembrança de Proust é inevitável. Que dizem os oito tomos de *À la recherche du temps perdu*, senão que o sabor do tempo despertado pela *madeleine* revela a inevitabilidade do que já foi? Embora o perdido não deixe por isso de ser reencontrado, como se cumpre o paradoxo? Não é que o tempo deixe de estar perdido; seu reencontro, de que trata o último tomo da obra proustiana, opera por transmutação. A transmutação não torna a palavra transparente ao que foi, como se ela fosse a sucedânea de uma sessão espírita, senão que

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7353 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

> realiza a diferença que Herder tão bem definira: "A *diferença* entre duas coisas deve ser reconhecida uma terceira" (Herder [1772], I, 1983, p. 723-4). No caso, as duas coisas (vetores) são o tempo e a lembrança, ao passo que a diferença concretiza-se na formulação do texto proustiano (LIMA, 2017, p. 16).

Tomando como exemplo a literatura proustiana, Luiz Costa Lima afirma que o texto literário surge como produto do contraponto entre o tempo – o qual é inapreensível ao ser humano e é provável que essa sua característica confira a essa "entidade tempo" um caráter melancólico – e a lembrança. Nesse desacerto entre o tempo presente e a lembrança do que se passou constitui-se a literatura de Affonso Ferreira em *Minha mãe se matou sem dizer adeus*, de modo que é exatamente na narração – forma e conteúdo – que esse descompasso se realiza.

2.3 Perlaborar

O texto *Recordar, Repetir e Elaborar (*1914), de Sigmund Freud, apresenta uma excelente súmula do processo pelo qual o sujeito deve passar durante a análise. Lembrar e retornar aos acontecimentos esquecidos ou recalcados é necessário para se vislumbrar um futuro. Enquanto o sujeito não tem consciência e dimensão de eventos de seu passado, geralmente com início na infância, certos erros continuarão sendo cometidos pela pessoa, os mesmos erros, como um padrão. Freud chama isso de repetição: "Enquanto o paciente se acha em tratamento, não pode fugir a esta compulsão à repetição; e, no final, compreendemos que esta é a sua maneira de recordar" (Freud, 1914, p. 4). A repetição ocorre de modo inconsciente, visto que é um modo que o indivíduo encontra de não esquecer aquilo que lhe aconteceu, e impede que se viva uma vida mais autônoma.

Assim, uma das funções da análise é trazer à tona esses eventos passados, bem como os seus impactos, tanto no presente quanto na própria constituição subjetiva da pessoa. Agora, em um plano consciente, essas memórias devem ser compreendidas enquanto o analisando continua a repetir esses mesmos erros. Em algum momento, após tanto repetir, com o auxílio do analista, assimilará que os padrões de seu comportamento têm a ver com os acontecimentos de

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7353 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

sua infância e conseguirá compreender como isso ocorre. Esse processo é nomeado por Freud como elaboração.

> Aprendemos que o paciente repete ao invés de recordar e repete sob as condições da resistência. Podemos agora perguntar o que é que ele de fato repete ou atua (*acts out*). A resposta é que repete tudo o que já avançou a partir das fontes do reprimido para sua personalidade manifesta — suas inibições, suas atitudes inúteis e seus traços patológicos de caráter. Repete também todos os seus sintomas, no decurso do tratamento (FREUD, 1914, p. 5).

O trabalho do analista é ajudar o analisando com interpretações sobre comportamentos recorrentes. Assim, o que acomete o inconsciente do analisando será entendido, posteriormente, passível de perlaboração. O perlaborar ocorre quando o conteúdo do inconsciente, que foi elaborado (entendido) e ressignificado, torna-se integrado na pessoa. O sujeito analisado passa a ver aquelas memórias e acontecimentos como parte formadora de sua constituição subjetiva e "aceita" isso visando conviver com aquilo da melhor maneira possível.

Transpondo-se essa ideia de análise para a obra de Evandro Affonso Ferreira e pensando-se a narração como um processo de análise, vê-se o exercício do narrador e a sua progressão ao longo do texto para perlaborar o seu maior trauma, que foi perder a mãe. Em determinados trechos, como "Desta misteriosa mesa-mirante consigo ver o passado o presente o futuro" (Ferreira, 2022, p. 23) e "Penoso trabalho este de fazer do verbo escudo; do vocábulo esgrima contra o desejo de cortar a teia da própria vida" (Ferreira, 2022, p. 28), nota-se, primeiramente, o domínio que o narrador tem sobre o seu passado traumático, o presente como momento de narrá-lo e entendê-lo, e o futuro enquanto instância que depende da "resolução" do passado e da compreensão do presente. O narrar lhe permite, assim, a compreensão de sua história e lhe dá sentido para viver, da mesma maneira que ocorre com aqueles em tratamento terapêutico.

Adiante, o personagem cita a sua amiga filósofa, a qual profere o seguinte: "Escolher a repetição para libertar-se dela – ela amiga filósofa me disse numa quase-quinta. Continua chovendo. Continuo triste. Solitário também. Por isso invento amigos telepáticos" (Ferreira, 2022, p. 44). Após a interessante afirmação por parte da amiga, o homem volta a seu discurso cíclico e repetitivo, que envolve comentários sobre o meio externo e a sua situação interna. A repetição, feita ao longo de todo o texto, não só dos temas discutidos, mas também da ordem em que são

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7353 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

apresentados, faz parte do processo de repetição do narrador para que chegue até uma elaboração de seus traumas. O conselho astuto da amiga diz respeito ao caminho inevitável que qualquer ser humano traça em sua vida: a repetição que, no caso dos que estão em processo de análise, conflui para a elaboração.

Conforme dito anteriormente, no decorrer da história, o narrador passa a ver a figura de sua mãe de maneira diferente: “Minha mãe não me lembro; esta que vejo rapidamente vez em quando desta mesa-mirante é imaginação de filho escritor distante há setenta anos. Agora consegui ver com mais nitidez: era feia. Triste também. Desajustada também; feito eu” (Ferreira, 2022, p. 30). A questão da melancolia também comparece no momento em que o narrador se assemelha ao objeto de sua perda. Todas essas relações que o sujeito estabelece são partes fundamentais no processo de análise.

Para que se perlabore, segundo Freud:

> O paciente tem de criar coragem para dirigir a atenção para os fenômenos de sua moléstia. Sua enfermidade em si não mais deve parecer-lhe desprezível, mas sim tornar-se um inimigo digno de sua têmpera, um fragmento de sua personalidade, que possui sólido fundamento para existir e da qual coisas de valor para sua vida futura têm de ser inferidas (Freud, 1914, p. 6).O paciente tem de criar coragem para dirigir a atenção para os fenômenos de sua moléstia. Sua enfermidade em si não mais deve parecer-lhe desprezível, mas sim tornar-se um inimigo digno de sua têmpera, um fragmento de sua personalidade, que possui sólido fundamento para existir e da qual coisas de valor para sua vida futura têm de ser inferidas (FREUD, 1914, p. 6).

Ao entender que a sua melancolia, por exemplo, “possui sólido fundamento para existir” e conferir atenção devida não só para consequências de seu trauma, mas para as próprias memórias traumáticas em si, o paciente aceitará que aquilo é parte dele. Na passagem “Mas ainda não vou cortar a teia da própria vida: a palavra é meu sustentáculo; o vocábulo entorpece meu desassossego. Escrever para esconjurar as inquietudes – mesmo sabendo da impossibilidade de esquivar-se da melancolia apenas mudando de calçada” (Ferreira, 2022, p. 51), percebe-se que o entendimento por parte do narrador no sentido de que nunca será capaz de fugir de suas dolorosas memórias.

Nessa perspectiva, enquanto parte do sujeito, a metáfora de mudar de calçada exemplifica bem como ele deve seguir o seu caminho de forma austera, afinal um ou outro lado da calçada

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7353 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

são apenas margens diferentes do mesmo rumo. Porém, somente por meio de uma análise, o indivíduo conseguirá narrar a si mesmo para compreender o próprio caminho – de onde vem e para onde vai.

Considerações finais

O romance *Minha mãe se matou sem dizer adeus* (2022), de Evandro Affonso Ferreira, permite, portanto, uma investigação frutífera no que tange às questões de memória e trauma. Recorrendo-se às ideias freudianas presentes nos textos *Luto e Melancolia* e *Recordar, Repetir e Elaborar*, pode-se investigar como a narração possibilita ao narrador-personagem perlaborar memórias traumáticas de sua infância, em especial, o suicídio de sua mãe.

Além disso, o texto de Luiz Costa Lima *Melancolia: Literatura* permitiu entender de que maneira a melancolia se faz elemento constitutivo do sujeito narrador. A melancolia, além de ser elemento estruturante na constituição subjetiva do narrador, opera, ainda, como um poder de força criadora artística, de modo que se engendra no texto e na narração do personagem principal.

Depreende-se, desse modo, que a melancolia do narrador-personagem se configura como uma característica possivelmente desenvolvida tanto após o trauma de perda trágica de sua mãe quanto do luto mal processado, bem como na tentativa de compreender os eventos traumáticos que sucederam durante a sua infância. Foram essas situações que o impeliram a estetizar a sua vida em literatura, recorrendo ao processo de narração para perlaborar tais memórias traumáticas.

CRediT
Reconhecimentos: Não é aplicável.
Financiamento: Não é aplicável.
Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
Aprovação ética: Não é aplicável.

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7353 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Contribuições dos autores:
CRUZ, Laylah
Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Escrita - rascunho original, Escrita - edição.

DE SOUSA, Douglas
Conceitualização, Metodologia, Administração do projeto, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição.

Referências

FERREIRA, Evandro Affonso. *Minha mãe se matou sem dizer adeus***.** Editora Record, 2022.

FREUD, Sigmund. *Recordar, repetir e elaborar***.** *Obras completas*, v. 12, p. 145-157, 1914.

FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia: 1917* [1915]. 1996.

FREUD, Sigmund. *O poeta e o fantasiar. Arte, literatura e os artistas*, v. 3, p. 53-66, 2015 [1908].

LIMA, Luiz Costa. *Melancolia: literatura***.** Editora UNESP, 2017.

SCHØLLHAMMER, Karl Eric. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura e trauma**.** *Pro-posições*, v. 13, n. 3, p. 135-153, 2002.